

Boletim de Ocorrência



Por
Celito De Grandi

023

Não era o dia do índio

Um assalto nos anos 70 que envolveu um homem nascido em posto indígena é o 23º caso da série que lembrará, aos domingos de 2012, crimes intrigantes no Estado

O processo de aculturação do índio brasileiro é estudado por antropólogos e cientistas sociais desde que Pero Vaz de Caminha, nosso primeiro cronista, escreveu ao rei de Portugal sobre a terra recém descoberta e seus habitantes.

Um episódio ocorrido na capital gaúcha em 1978 também suscitou, à época, muitas perguntas.

O personagem central da história é “Uavaiporã Shin”, que significaria “Faca Ligeira” e “Arma Ligeira”. Ou apenas Jorge Oliveira.

Um índio. Ou não.



O certo é que o homem de pele escura, dizendo-se roubado e desejoso de voltar para sua tribo, no Posto Indígena de Nonoai, assalta um casal em frente à antiga Sorveteria Nevada, na Rua João Pessoa.

Nardi Francisco da Silva, hoje com 58 anos, depois da “pelada” com os amigos, decide relaxar, tomando sorvete. Está no seu Chevette preto, estacionado, quando uma jovem se aproxima, coloca os antebraços na janela do carona e lhe pede Cr\$ 5 (cerca de R\$ 3, em valores atualizados). Também está com vontade de tomar um sorvete.

É nesse momento que surge o homem. Empurra a moça para o banco traseiro e ameaça Nardi com um pequeno punhal. Saca uma garrucha e anuncia: quer Cr\$ 300 (cerca de R\$ 190) para voltar à sua tribo. Ele garante ser índio caingangue. Veio para cá havia pouco tempo, com algum dinheiro no bolso e muitas peças de artesanato. Na rodoviária, logo ao chegar, é assaltado e levam tudo dele.

Perambula alguns dias pela cidade, pede e não recebe ajuda, até se decidir pelo assalto. E explica a sua lógica:

– Homem branco assaltou índio e levou o dinheiro. Agora eu roubo homem branco para voltar para casa.



Nardi só tinha Cr\$ 100 no bolso e se dispôs a apanhar mais dinheiro em casa, no bairro Moinhos de Vento. No caminho, um taxista percebe o sinal de luz do Chevette, vê o homem armado e aciona a Brigada Militar.

No tumulto, a jovem desaparece e, até hoje, a esposa de Nardi, sua noiva na ocasião, não acredita na história da menina do sorvete. No mínimo, devia ser uma “namoradinha”.

O homem é preso e levado para prestar depoimento.

O repórter-fotográfico Adolfo Gerschman

aciona o advogado Caio Lustosa, da Associação Nacional de Apoio ao Índio (Anai). E, ainda naquele dia, ele dá entrada a um pedido para que o homem seja enquadrado no Estatuto do Índio. E indiciado como “semi-responsável”.

A partir daí, instala-se uma enorme polêmica: Uavaiporã Shin ou Jorge Oliveira? Com os direitos de índio? Ou não?

Autoridades testemunham. O presidente da Funai manda um fonograma de Brasília informando que o homem “não era silvícola”. Já o Juiz de Direito de Nonoai, Luis Francisco Correa Barbosa, o “Barbosinha” e sua mulher, a advogada Laís Barbosa, além da antropóloga Úrsula Wiesemann, não têm dúvida:

– Uavaiporã Shin ou Jorge de Oliveira é e deve ser considerado índio, ainda que desculturado.



No decurso do inquérito e do processo criminal, tudo fica um pouco mais claro: o nome correto do homem de pele escura é Jorge de Oliveira, filho de Juraci e Messias de Oliveira, nascido em 25 de dezembro, no Posto Indígena de Nonoai. É casado com uma índia, tem um filho e ela está grávida, outra vez.

Ele não nega: criou os nomes indígenas para ter um tratamento diferenciado.

E diz mais: quando tinha cerca de seis anos, foi recolhido no Posto de Nonoai por um padre, Ivo Pizzato, e passou a viver no Novo Lar do Menor em Viamão. Ficou lá até os 17 anos, quando decidiu sair à procura da mãe. Viaja por todas as reservas indígenas da região, sem encontrá-la.



Por ter maculado, com o assalto, o nome dos caingangues, Jorge de Oliveira foi julgado pelas autoridades do Conselho Tribal e expulso do Posto Indígena.

Em Porto Alegre, na 10ª Vara Criminal, foi condenado a seis anos e sete meses de prisão, além de pagar uma multa de Cr\$ 6 mil (aproximadamente R\$ 3.770).

O promotor defendeu a pena corretiva para que “aprenda a respeitar seus semelhantes e, principalmente, a admirar a gloriosa raça índia”.

Cumpridos três anos da pena no Presídio Central, Jorge foi visto durante muito tempo pelas ruas de Porto Alegre, como biscateiro e ceramista. Depois, sumiu.

Caio Lustosa não se conforma:

– Aquele 8 de março de 1978 não era, definitivamente, dia de índio.



ARNALDO CHAVES, BD, 30/03/1978

Ao ser flagrado por crime, Jorge de Oliveira se apresentou como Uavaiporã Shin, ou Faca Ligeira, um caingangue que decide roubar dinheiro para voltar à reserva indígena



Polícia já está preocupada com a nova onda de assaltos



Reveja pelo reconhecimento de Jorge

Passou também às perseguições

Julgado por seus pares e pela Justiça dos homens brancos, Jorge foi expulso de posto indígena e condenado a cumprir pena na cadeia



FALSO ÍNDIO FACALIFEIRA FOI CONDENADO POR ASSALTO



GRANDE NOTÍCIA REGIONALISTA

O crime

Vítima:
Nardi Francisco da Silva

Época do crime:
Março de 1978

Cidade:
Porto Alegre

Principal suspeito:
Jorge de Oliveira

Motivação:
Financeira